

Boletim Semanal* – 38/2022 – 14 de outubro de 2022

TRIGO

**Eng. Agrônomo C. Hugo Winckler Godinho*

O boletim de Condições de Tempo e Cultivo desta semana apontou um aumento para 7% nas áreas ruins de trigo, ante 4% na semana anterior. A maioria das lavouras prejudicadas pela seca e pelas geadas foi colhida e não tem participação importante nesse índice, que representa, hoje, quase que exclusivamente o excesso de chuva nas áreas aptas para colheita. As demais lavouras estão classificadas 24% como médias (23% na semana anterior) e 69% como boas (73%) de uma área de mais de 500 mil hectares não colhidos até o momento no Paraná. Estas lavouras em melhores condições são as mais tardias e devem necessitar de mais aplicações de fungicidas, aumentando os custos, além de terem suas produtividades restringidas, possivelmente.

Além da preocupação com os possíveis prejuízos pelos produtores, também há cuidado com a aquisição de trigo de qualidade. Normalmente, a demanda por qualidade no Paraná é suprida por nossa própria produção, porém, com mais de metade da safra estadual sofrendo com as precipitações recorrentes, acende-se um alerta. Como parceiros comerciais

alternativos temos o Paraguai (que tem enfrentado situação similar de excesso hídrico), a Argentina (cuja produção está ameaçada por uma seca), a América do Norte (com produto mais caro) e o Rio Grande do Sul. Este último tem registrado recordes de exportação, porém, pode internalizar um volume grande da safra caso se confirme o recorde de produção esperado em terras gaúchas. Assim, paradoxalmente, os trigos nacionais poderão continuar suprindo a qualidade antes buscada em importações de produto argentino ou norte-americano. Evidencia-se dessa forma a evolução da produção nacional, não apenas no possível recorde, mas, também, em termos reológicos, resultando cada vez mais em boas farinhas.

SOJA E MILHO

**Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

Devido às chuvas neste início do mês de outubro, os trabalhos de plantio seguem evoluindo lentamente no Estado, tanto para cultura do milho como da soja. Apesar do aparente volume maior de chuvas entre os dias 1.º e 12 de outubro de 2022, quando comparado ao mesmo período de 2021,

Boletim Semanal* – 38/2022 – 14 de outubro de 2022

observa-se que a maioria das estações meteorológicas do Simepar aponta um volume inferior de precipitação em 2022; na média o volume é 37% menor. Contudo, o mês de setembro de 2022 apresentou volumes de chuva, em média, 222% maiores que em 2021 nas mesmas estações meteorológicas. Diante disso, aliado a relatos de dias mais nublados, com temperaturas possivelmente mais baixas, o solo encharcado traz dificuldades para a evolução das lavouras no Estado, acarretando impactos pontuais no planejamento do produtor, aumentando o risco de plantio atrasado e também trazendo um alerta para a janela da segunda safra.

No campo, o plantio da safra de milho chegou a 75% da área estimada. Enquanto o plantio da soja está com 26% da área. As condições de lavoura são de 91% boa para milho e 9% tem condição mediana. Para a soja, 98% da área plantada tem condição boa e 2% condição mediana.

FEIJÃO

**Economista Methodio Groxko*

As condições climáticas das últimas semanas estão dificultando os trabalhos no campo. No caso do feijão, o excesso de chuvas está atrasando o plantio e

prejudicando as lavouras implantadas. Segundo os técnicos de campo, as frequentes chuvas e as baixas temperaturas estão comprometendo o desenvolvimento normal das plantas, o que poderá prejudicar a produção da nova safra de 2022/23.

Conforme já mencionado em semanas anteriores, a estimativa do Deral para a nova safra de 2022/23 é de uma área de 122 mil hectares, 12% menor em relação ao ano passado. Nesta área estima-se que sejam colhidas 243 mil toneladas de feijão, o que significa um aumento de 24%, comparativamente à produção obtida no ano passado. Ressalte-se que naquele período, em função da forte estiagem, a redução foi superior a 30% e o volume colhido foi de apenas 195 mil toneladas.

Na semana passada, o preço médio recebido pelo produtor foi de R\$ 190,00/sc de 60 kg para o feijão preto, valor igual ao período anterior. O feijão tipo cores foi comercializado, em média, por R\$ 288,00/sc de 60 kg, com um aumento simbólico de apenas 1% em relação à semana passada. Do volume produzido na segunda safra, cerca de 98% já foi comercializado e o restante deverá ser concluído durante as próximas semanas.

FRUTICULTURA – MUNICÍPIOS

**Engenheiro Agrônomo Paulo Andrade*

Dos 399 municípios paranaenses, em tão somente seis deles não se detectou cultivos comerciais de frutas em 2021, indicando que a atividade está atomizada e incorporada no meio rural em todos os rincões do Estado.

Os cinco principais municípios produtores de frutas em ordem de importância foram: Paranavaí, Alto Paraná, Carlópolis, Cerro Azul e Marialva; somam 11,2 mil hectares, donde colheu-se 311,1 mil toneladas com geração de R\$ 411,9 milhões de Valor Bruto da Produção/VBP. Juntos responderam por 1/5 do total da atividade, e parcelas de 21,2% na área, 24,7% na produção e 19,8% no VBP. (FRUTI/PR 2021: 52,9 mil hectares; 1,3 milhão de toneladas e R\$ 2,1 bilhões).

Observa-se a relação destes municípios com o VBP das principais espécies frutícolas exploradas no Estado, quais sejam, pela ordem: Laranja (1ª no ranqueamento de VBP) – Paranavaí e Alto Paraná; Goiaba (10ª) – Carlópolis; Tangerina (3ª) – Cerro Azul; e Uva (5ª) – Marialva; sendo referências nos cultivos.

Com 3,7 mil ha de pomares, produção de 118,7 mil toneladas e VBP de R\$ 109,9 milhões, Paranavaí, no Noroeste, é o principal produtor de frutas em área, produção e VBP, respondendo por 5,3% da renda gerada pela fruticultura estadual. A Laranja é o esteio e participa com 18,3% dos indicadores acima em relação ao Estado, complementada por outras sete espécies frutícolas exploradas no município.

Alto Paraná, também no arenito, tem na Laranja o seu principal negócio no campo. Foram sete as fruteiras levantadas e nos seus 2,1 mil ha de pomares, colheu-se 88,4 mil toneladas e houve geração de R\$ 81,4 milhões de Valor Bruto. O município participa com 3,9% da atividade no Paraná.

A Laranja abarcou 95,5% dos volumes e rendimentos da atividade frutícola em Paranavaí, e em Alto Paraná a hegemonia do cítrico é de 97,4%.

A diversificação de fruticultura caracteriza as três comunidades a seguir, mesmo cada uma delas tendo a predominância de uma fruta específica.

O Norte Pioneiro tem na Goiaba de Carlópolis um destaque, onde, num universo de dezenove fruteiras, a mirtácea dominou com 95,0% o VBP dos pomares do

município. Os R\$ 78,6 milhões de renda bruta foram gerados pelas 21,3 mil toneladas colhidas em 1,1 mil hectares, com 3,8% de quinhão no VBP estadual da fruticultura.

Cerro Azul, no Vale do Ribeira, mesmo sendo a Capital da Tangerina, tem outras dezessete frutas exploradas. O cítrico responde por 87,9% da área, 90,9% na produção e 79,6% VBP nos 3,7 mil ha, 70,1 mil toneladas e R\$ 73,6 milhões movimentados dos pomares do município. Em relação ao Estado sua presença é de 3,5% no setor.

Com 3,3% de participação na fruticultura paranaense, Marialva, no Norte do Estado, com a Uva Fina de Mesa sendo a principal atividade nos pomares, tem também outras quatorze espécies produzidas. Com 572,0 ha explorados, um volume de 12,6 mil toneladas colhidas e VBP de R\$ 68,5 milhões, os parreirais de Uva Fina abarcam 85,6% de área, 91,4% da produção e 95,9% do VBP das frutas no município.

PECUÁRIA DE LEITE

** Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

Na pesquisa realizada entre os dias 03/10 e 07/10, o preço recebido pelo produtor por litro de leite sofreu uma nova queda. Cotado a R\$ 2,92, houve um decréscimo de quase 4% em comparação à realizada na última semana de setembro. Ainda em um patamar mais confortável em relação aos últimos meses, de baixo preço e alto custo para o produtor, parte dessa queda se dá pela diminuição da demanda, e não apenas por um menor custo ou aumento da produção no campo. Além disso, importações ajudaram a reabastecer os mercados de derivados lácteos, aliviando um pouco a pressão sobre os laticínios.

Todavia, ainda há certa incerteza a respeito da produção, pois a alta no preço recebido pelo produtor nos últimos meses foi um fator crucial para que a produção aumentasse. Caso haja estabilidade, não devemos ver outra sequência de altas como há alguns meses. Por outro lado, caso o produto continue em acentuada desvalorização, os produtores podem optar por diminuir a produção, o que empurraria os preços novamente para patamares mais elevados.

SUINOCULTURA

**Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

A suinocultura paranaense produziu 545,7 mil toneladas de carne suína no primeiro semestre de 2022. Isto representa um volume 10% maior que no mesmo período de 2021. Dentre os 4 maiores estados produtores, que concentram quase 80% da produção brasileira, o Paraná foi o que apresentou maior crescimento na produção. Santa Catarina é o maior produtor de carne suína do Brasil e teve um crescimento de 6%, totalizando um volume de carne de 733,3 mil toneladas nos primeiros seis meses de 2022.

No Brasil, foram produzidas 1,3 milhão de toneladas de carne suína entre janeiro e junho de 2022, volume 7% maior que em 2021. Santa Catarina detém 29% da produção, seguido do Paraná com 21%, Rio Grande do Sul ocupa a terceira posição com 17% e em quarto está Minas Gerais com 11% da produção nacional de carne suína.